

Histórico e dificuldades na constituição e consolidação de formas organizativas no Perímetro Irrigado Nilo Coelho-Petrolina-PE

Danilo de Medeiro Nunes¹
Elicio Nunes dos Santos²
José Reginaldo Maia³
Maurício Sávio Brandão Teixeira⁴

¹Atua no segmento de Assistência Técnica e Extensão Rural, gestão do Perímetro irrigado Bebedouro na função de Subcoordenador da equipe de Assistência Técnica Rural - ATER. Graduação em engenharia agrônoma na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Discendente no curso de pós graduação Auditoria e perícia em gestão Ambiental na HG2. E-mail: danilomnunes@hotmail.com.

²Graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, exercendo atualmente a função de Assistente Administrativo. Aluno do curso de especialização em Metodologia Participativa aplicadas à Pesquisa e Extensão Rural, realizado pela UNIVASF - Universidade do Vale do São Francisco. E-mail: elicionuness@gmail.com.

³Atua no segmento de Assistência Técnica e Extensão Rural no Perímetro Senador Nilo Coelho,

RESUMO

Todas as experiências vivenciadas no processo de formação associativa passaram por processos conduzidos pela CODEVASE, direcionando para uma administração compartilhada com os irrigantes, experimentando modelos organizativos que se iniciaram com uma proposta de cooperativa, depois associações e finalmente Distrito de irrigação, este até hoje adotado, mediante o uso do método dialético baseado no materialismo histórico buscando a investigação dos acontecimentos e processos ocorridos com as instituições que fizeram parte dessa construção social, aliado a dados documentais em trabalhos acadêmicos publicados, com um propósito de reunir fontes que direcionasse o processo de criação do movimento associativista na região. O desconhecimento da realidade regional e a ausência de diálogo foram as razões pelas quais as equipes de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) não lograram êxito nesse primeiro momento da criação de novas formas organizacionais. Essa ideia era algo desconhecido, um fato novo e precisaria de mais discussões para buscar esse entendimento. Isso indica que é necessário conhecer a realidade do homem para direcionar as ações planejadas.

Palavras-chave: Associação; Cooperativa; Assistência técnica.

History and Difficulties in the Foundation and Consolidation of Organizational Forms in the Nilo Coelho Irrigated Perimeters - Petrolina, PE

ABSTRACT

The process of formation of the associations of irrigated areas of the Projeto Senador Nilo Coelho was conducted by CODEVASF to a shared administration with the producers. On site was tested the proposal of creation of a cooperative, then changed to associations then, finally, to an irrigated district model, format that has being adopted until today. The events that led to this current model of social construction will be studied through the use of the dialectical method based on historical materialism, combined with data documented in academic papers. Ignorance of the regional situation and the lack of dialogue were the reasons why ATER (Technical Assistance and Rural Extension) teams were unsuccessful in the initial period of creation of these new organizational formats. These ideas were new and, therefore, required more discussion to reach understanding. This indicates that it is necessary to know the reality of people to target the planned actions.

Keywords: Association; Cooperative; Technical assistance.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à constituição do Projeto Massangano, hoje denominado Perímetro Irrigado Nilo Coelho, com suas características de implantação, seus beneficiários e modelos organizativos para gestão do perímetro, tendo a CODEVASF como sua principal administradora.

Todas as experiências ali vivenciadas passaram por processos conduzidos pela CODEVASF, como marco orientador das famílias, tendo sempre como objetivo maior a implantação da fruticultura irrigada no Vale do São Francisco direcionando para uma administração compartilhada com os irrigantes, experimentando modelos organizativos que se iniciaram com uma proposta de cooperativa, depois associações e finalmente Distrito de irrigação, este até hoje adotado.

O trabalho apresenta também o perfil dos beneficiários do projeto Massangano, que inicialmente foi pensado para atender a algumas famílias, através de critérios de seleção que beneficiaram preferencialmente a agricultores, sendo muitas áreas destinadas a profissionais do setor agrícola (técnicos e agrônomos), mas que em dado momento houve uma distribuição de lotes a pessoas que não tinham nenhuma experiência com a atividade agrícola irrigada.

Diante dessas dificuldades, pensaram-se algumas metodologias de participação para a formação de uma organização, conduzidas pelas empresas terceirizadas de assistência técnica, como forma de despertar nas pessoas a necessidade de um trabalho conjunto e levar os produtores modelos que pudessem ser criados/adotados por estes. Levando sempre em conta o histórico das suas origens, a forma com que esses modelos associativos foram apresentados às comunidades e a urgência com que estes deveriam ser implantados foram os causadores dos resultados até hoje vivenciados nesta unidade produtiva irrigada.

Desta forma, é importante que se conceituem as principais formas de associativismo para que se tenha uma maior compreensão quanto ao sistema adotado, bem como o respeito ou a falta dele à cultura individual dos agricultores.

CONCEITOS

“O associativismo e o cooperativismo são conceitos que apresentam correlação às definições dos capitais: humano, social e empresarial – fatores estes fundamentais para a promoção do desenvolvimento territorial.” (SEBRAE, 2014).

“O conceito de associativismo está relacionado à adoção de métodos de trabalho que estimulem a confiança, a ajuda mútua, o fortalecimento do capital humano, entre outros fatores.” (SEBRAE, 2014).

“Já o cooperativismo está ligado à união de pessoas para o atendimento de aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de sociedade coletiva.” (SEBRAE, 2014).

Petrolina-PE.
Com graduação em Gestão Ambiental e Pós Graduado em Direito Ambiental pela UNOPAR – Universidade Norte do Paraná. Atualmente aluno do curso de especialização em Metodologia Participativa aplicadas à Pesquisa e Extensão Rural, realizado pela UNIVASF – Universidade do Vale do São Francisco. E-mail: jrm.ambiental@hotmail.com.

⁴Engenheiro Agrônomo pela FACIAGRA-PE, pós-graduado em Gestão Ambiental e Recursos Hídricos e atua como extensionista desde 2001, coordenando trabalhos de assistência técnica e extensão rural em perímetros irrigados em áreas de assentamentos e reassentamentos. E-mail: mauriciosavio2009@hotmail.com.

“Distrito de Irrigação é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, constituída de irrigantes do Perímetro Irrigado, tendo por função principal, mediante delegação, da Empresa, a administração, a operação e a manutenção da infraestrutura de irrigação de uso comum, podendo realizar outras atividades (em caráter permanente ou transitório) de acordo com as demandas dos associados.” (SEBRAE, 2014).

Sendo assim, leva-se em consideração que estamos em uma sociedade em constante período de transição, sujeito a mudanças como, por exemplo, em conceitos, tecnologias, educação e informação, e sabendo-se ainda que o “Ser Humano” cada vez mais vem se distanciando um do outro a cada dia, a fim de satisfazer os insaciáveis desejos de consumo da sociedade, assim ligados a bens materiais dentre outros.

METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho acadêmico, utilizou-se do método indutivo buscando uma generalização e o método dialético baseado no materialismo histórico buscando a investigação dos acontecimentos e processos ocorridos com instituições que fizeram parte de uma construção social, remontando o início e evoluções dos fatos investigados para embasamento científico.

De posse dessas informações referenciadas nessa pesquisa dos processos históricos, as organizações detêm de uma ferramenta referenciada para a tomada de decisões para a autogestão. Além disso, foram coletados dados documentais nos poucos trabalhos acadêmicos disponíveis, somando-se também a materiais informativos institucionais, em um propósito de se reunir fontes de informações que direcionasse para os processos de criação do movimento cooperativista/associativista na região.

DESENVOLVIMENTO

RELATO DA CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS ASSOCIAÇÕES NO PERÍMETRO SENADOR NILO COELHO.

O Projeto Massangano , hoje chamado de Perímetro irrigado Nilo Coelho, localizado em Petrolina-PE, teve suas obras iniciadas no ano de 1979 a 1983, construídas em um período de quatro anos e custou aos cofres públicos o montante de US\$ 200.000.000,00. Está localizado à margem esquerda do Rio São Francisco, no município de Petrolina-PE, cuja área irrigável abrange também o município de Casa Nova-BA, na região do Submédio São Francisco.

O Perímetro Nilo Coelho é um dos maiores perímetros públicos irrigados no Brasil, com cerca de 100% em funcionamento, com área total de 55.000 hectares e área irrigável de 22.946,68 hectares • População estimada no Perímetro: 60.000 habitantes • Número de empregos gerados (diretos e indiretos): 90.000, segundo o último censo do IBGE.

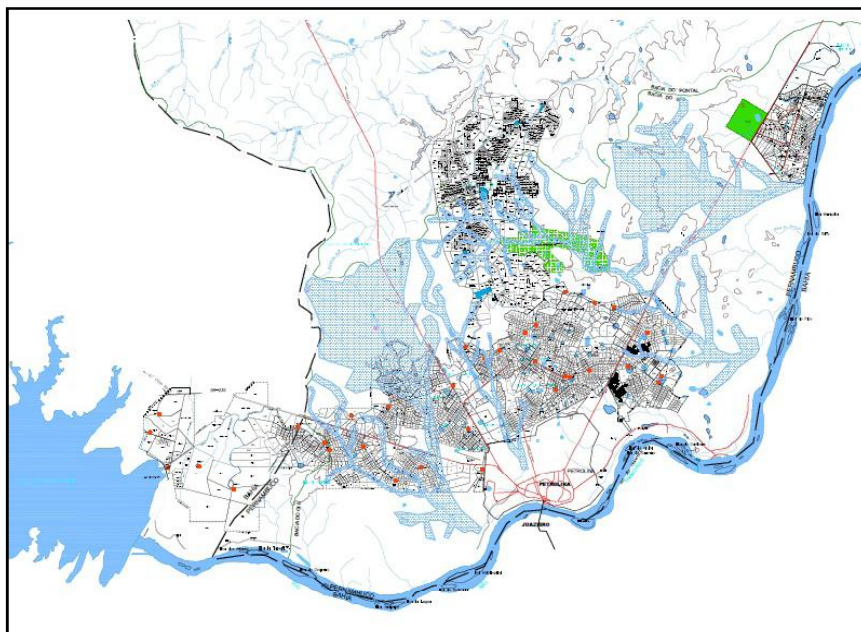


Figura 1 – Localização geográfica do perímetro irrigado Nilo Colêlo em Petrolina (PE).

A CODEVASF administrou o Projeto de Irrigação no período de 1984 a 1986, fase em que ocorreu o assentamento e início das operações agrícolas, após 1987 até 1989, foram iniciadas as palestras técnicas para constituição de cooperativas, na tentativa de inculir nos agricultores uma cultura cooperativista, tentativa essa fracassada por não haver por parte dos agricultores uma cultura, e ao mesmo tempo certa resistência às práticas organizacionais, dentro da doutrina cooperativista.

“A antidualogicidade e a dialogicidade se encarnam em maneiras de atuar contraditórias, que, por sua vez, implicam em teorias igualmente inconciliáveis” (FREIRE, 1983, p. 26).

O desconhecimento da realidade regional e a ausência de diálogo foram as razões pelas quais as equipes de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural), não lograram êxito nesse primeiro momento da criação de novas formas organizacionais. Nova, pois para os agricultores nativos, essa ideia era algo desconhecido, era um fato novo e precisaria de mais discussões para buscar esse entendimento.

Dando prosseguimento às ações governamentais, durante meados da década de 1980, o Governo Federal definiu uma nova política de gestão para emancipação dos perímetros irrigados, onde buscava a autogestão dos produtores para administrarem suas unidades produtivas, a partir daí se criaram políticas públicas, caracterizando a interferência estatal junto aos agricultores:

O conceito de hegemonia, aplicada á dominação com direção hegemônica de classes das formações capitalistas, conota aqui as características específicas mencionadas da ideologia capitalista dominante, por meio da qual, uma classe ou fração consegue apresentar-se como encarnando o interesse geral do povo nação, e condicionam por si mesmos, uma aceitação política específica de sua dominação por parte das classes dominadas. (POULANTZAS, 1986, p. 215)

A história da implantação dos primeiros relatos sobre a criação da extensão rural no Brasil nos remete a um passado extremamente dominante do mundo capitalista em detrimento dos países em desenvolvimento, trazendo experiências de uma realidade avessa aos nossos valores culturais, com propostas intrínsecas para atender os interesses destes, em uma via de mão única, quando coloca a sua ideologia capitalista modernizada na construção de uma nova realidade desejada, alheia à vontade da massa trabalhadora.

Sabe-se, portanto, que estudos executados pelo Núcleo Interdisciplinar de Tecnologia e Gestão Social da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), entre os anos de 2007 e 2008, trouxeram uma contribuição ímpar, pois identificaram algumas particularidades dentro da proposta de criação das cooperativas nos perímetros irrigados, fundamental, portanto, para o breve histórico do processo cooperativista na região, e que existia de certa forma uma coexistência por parte do órgão gestor do perímetro para que fossem criadas essas organizações nos núcleos de agricultores. Assim foram organizados os grupos de trabalhos para o doutrinamento associativo dos agricultores, como também a disponibilização de equipamentos necessários para o início das atividades das mesmas.

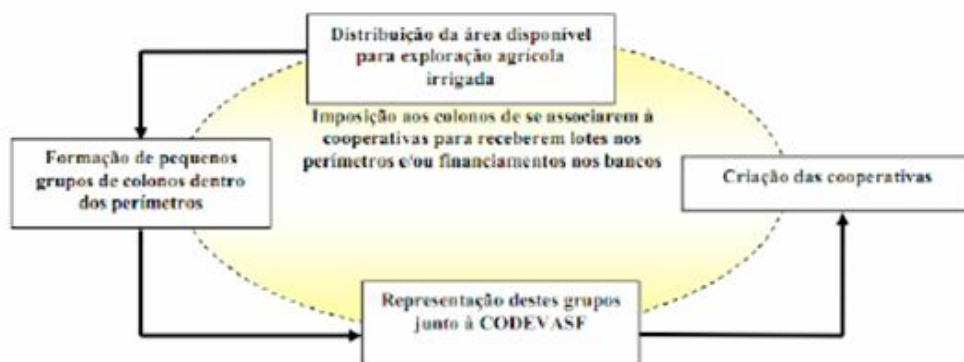


Figura 2 - Fluxograma indicativo do processo de criação de cooperativas no perímetro irrigado.

As etapas desse processo encontram-se explícitas nesse fluxograma, no qual se observa claramente no círculo central a vontade expressa do estado em buscar a formação desses grupos, executar a distribuição das unidades produtivas e consequentemente identificar as lideranças, para enfim constituir as pré-elaboradas cooperativas.

A partir daí foram contratados os extensionistas para dar suporte técnico e social aos produtores e suas famílias, dentro de um “modelo coletivo” organizacional. Acontece que as forças externas de outras organizações como as casas de crédito impulsionavam os agricultores, no sentido de atrelamento do crédito agrícola ao modelo cooperativista. Além desse, outros fatores concorreram para o insucesso desse modelo, dado que não existia naquele momento uma cultura que impulsionasse a autogestão dessas entidades.

“A manipulação, jamais a organização dos indivíduos pertencentes à cultura invadida é outra característica básica da teoria antidualógica da ação” (FREIRE, 1983, p. 27).

É oportuna essa colocação de Paulo Freire, pois o estado procurava implantar um novo modelo de gestão nos perímetros, e de qualquer forma induzia a criação de organizações, aonde chegavam pacotes prontos para serem incutidos dentro da cabeça dos agricultores de forma manipulada e a qualquer custo, sem se quer perguntar se os agricultores sabiam o que era, ou se queriam fazer parte de uma cooperativa.

Paulo Freire (1983, p. 16) relata com propriedade que o “conhecimento” na dimensão humana, em qualquer nível que seja, “não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe”.

Dessa forma, essa passagem da obra *Extensão ou comunicação?* vem comungar com os fatos contraditórios ocorridos no período, a imposição de propostas prontas e acabadas não lograram êxito até mesmo porque os agricultores participaram das palestras, mas não tinham competências para levar a frente essa proposta de conduzirem as organizações.

De maneira oportuna, é pertinente dizer que a construção do conhecimento se dá em uma visão dualista, não sendo necessário negar o saber do homem, levá-lo a uma intrínseca reflexão da sua existência como sujeito da ação, sujeito esse que pensa, sente, e tem valores para a construção e transformação da sua realidade.

Oportuniza Caporal, quando “destaca”, por exemplo, que os aparelhos de extensão se vinculam a diferentes unidades da federação, mediante convênios com a União, Estados e Municípios. Assim, embora no âmbito do estado capitalista e sob a hegemonia das classes dominantes, a prática extensionista depara-se com a necessidade de atender “projetos políticos” que nem sempre apontam no mesmo sentido (CAPORAL, 1991, p. 87).

Portanto, Caporal nos aponta que a dominância das ações planejadas e impostas pelo estado dominante recaem como políticas públicas nas organizações terceirizadas que desenvolvem os serviços de ATER, e que no cotidiano utilizam essas ações no sentido de repassar para o seu público-alvo os direcionamentos que em boa parte não condizem com as aspirações e a vontade do homem do campo.

Em seguida, partiu-se para a criação de associações, já que as propostas iniciais não obtiveram êxito, dessa forma foram iniciadas mais uma vez, os ciclos de palestras junto aos agricultores visando à implantação do modelo de gestão, e repasse da administração do perímetro aos irrigantes. Mesmo contando com um curto intervalo de tempo para se trabalhar e discutir a doutrina necessária à preparação associativista, os técnicos de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) foram conduzidos a dar continuidade aos trabalhos, vislumbrando a implantação desse modelo.

Na maioria das vezes no desenvolvimento dos planos de ação dos trabalhos de ATER, o cumprimento do cronograma das atividades se torna um inimigo do extensionista, existe um fator que caminha paralelo à execução das ações que é o fator tempo. Acontece que o projeto de execução quando é concebido já consta em seu escopo definido as metas a serem seguidas, e o processo educativo caminha em contraposição

a tudo isso. Não se pode construir uma base de diálogos amarrados em resultados imediatos e predefinidos, educar não é algo estático, não é um produto acabado. Segundo Paulo Freire, educação é um processo onde as partes interagem em uma construção de saberes.

Por fim foram constituídas 11 associações, uma por núcleo de produção, onde os agricultores de certa forma foram levados a assumirem a administração das associações, de forma impositiva, que contavam com uma patrulha mecanizada para prestação de serviços de preparo de solo nas parcelas produtivas.

O zoneamento geográfico do projeto permitia o controle administrativo, pelo fato de cada núcleo de agricultores constituir a sua associação, porém esse modelo de gestão não obteve sucesso mais uma vez, por ser introduzido na gestão um modelo paternalista e um forte vínculo dos agricultores com o poder público, descaracterizando por muitos anos a formação de instituições sólidas e representativas:

Neste tipo de relações estruturais, rígidas e verticais, não há lugar realmente para o diálogo. E é nestas relações rígidas e verticais que se vem constituindo historicamente a consciência camponesa, como consciência oprimida. Nenhuma experiência dialógica. Nenhuma experiência de participação. Em grande parte inseguros de si mesmos. Sem o direito de dizer sua palavra, e apenas com o dever de escutar e obedecer. (FREIRE, 1983, p. 32).

Desta forma, os agricultores não possuíam a verdadeira consciência do seu papel na gestão das associações, e a falta de um planejamento das ações os levaram ao insucesso administrativo, ou será que faltou o senso crítico por parte dos extensionistas em aplicarem práticas bancárias do conhecimento técnico?

Contextualizando esse cenário vivido pelos agricultores, percebe-se a prática extensionistas de forma lícita de invasão cultural por parte do estado, em que as propostas de constituição das organizações vieram de cima para baixo, próprias de um sistema capitalista e autoritário, no qual os técnicos eram meros repassadores de informações, sem levar em consideração a realidade cultural e histórica dos agricultores, transformando-os em meros objetos de sua própria ação, do seu próprio interesse e vontade. Em seguida, nos idos de 1989, a gestão de emancipação do Perímetro passou para o Distrito de Irrigação, responsável até hoje pela administração, operação e manutenção das áreas irrigadas.

Diante dessas considerações, cabe por fim comungar com Paulo Freire, em sua obra *Extensão ou comunicação?*, quando expõe que alguns técnicos declaram ser o diálogo impossível, fundamentando ainda mais a sua tese e o seu saber comportamental de que o homem não sabe de nada, que não tem muito a contribuir, e que na verdade essa dificuldade de diálogo não vem de si próprio, mas de um sistema social com estrutura perversa e opressora, e ratifica ainda que na história nenhum cientista em sã consciência jamais elaborou ou sistematizou o seu conhecimento científico sem buscar a sua fundamentação baseado em hipóteses e problematizando esse incômodo, algo

que precisa ser desafiado. E continua fundamentando que o desafio e a inquietação são fatores preponderantes para a construção e valorização dos saberes.

Das organizações, formais e informais nos perímetros irrigados, destacamos que houve um avanço significativo nos números de associações e/ou cooperativas criados e que hoje estão operando normalmente nesses perímetros e que estão relacionadas nas tabelas 1, 2 e 3 abaixo.

PERÍMETRO: NILO COELHO		
Núcleo	Associações /Cooperativas	Nº de Sócios
01	Associação de Moradores do Núcleo 01	48
02	Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Núcleo 02 – “Asa Branca”	30
03	Associação dos Colonos do Núcleo 03 – ASCOL	22
04	Cooperativa Agrícola dos Produtores Irrigantes do Núcleo 04 – COOPINC	27
04	Associação dos Moradores e Pequenos Agricultores do Núcleo-04 (AMPEAN-04)	600
05	Associação dos Trabalhadores Rurais e Moradores da Vila Nova	300
06	ASPRN VI – Associação dos Produtores Rurais do Núcleo 06	104
07	Associação dos Pequenos Empresários Rurais do Núcleo 07 - APERN7	50
07	Associação dos Criadores de Abelhas do Município de Petrolina – ASCAMP	22
08	Associação de Moradores e Produtores do Núcleo 08 – AMOP-08	100
09	Associação dos Produtores Irrigantes Moradores N -09 - APIM	500
11	Associação de Produtores e Moradores do Núcleo 11	144

Tabela 1 - Associações e cooperativas do perímetro Nilo Coelho e seus respectivos números de sócios.

Podemos observar que existem 4 associações somente de produtores com um total de 766 sócios e que representa 53% do total de pequenos produtores do perímetro que é de 1.465, 1 associação de moradores com 48 sócios, 4 associações mistas de moradores e produtores com um total 1.144 sócios, 1 associação de apicultores com 22 sócios, 1 associação de pequenos empresários com 50 sócios e somente 1 cooperativa com 27 sócios.

PERÍMETRO: NILO COELHO /ÁREA MARIA TEREZA		
17	Associação de Produtores e Moradores do Núcleo 17	
20	Associação de Produtores e Moradores da Área 20	180
22	Associação de Produtores e Moradores do Núcleo 22	
23	Associação de Produtores e Moradores do Núcleo 23	
25	Associação de Produtores e Moradores do km 25	
25	COMAIAMT – Cooperativa Mista dos Irrigantes da Área Maria Tereza	32
25	COPAINT – Cooperativa de Produção Agroindustrial do Projeto Maria Tereza	25

Tabela 2 - Associações e cooperativas do perímetro Nilo Coelho, Área Maria Tereza e seus respectivos números de sócios.

Na área Maria Tereza existem 5 associações mistas de produtores e moradores com um total de 180 associados, representando **37%** do total de produtores do perímetro que é de 487, e 2 cooperativas que juntas somam 57 sócios, representando **12%** do total de produtores.

PERÍMETRO: BEBEDOURO	
APPUB – Associação dos Pequenos Produtores de Bebedouro	84
CAMBE – Cooperativa Agropecuária de Bebedouro.	47

Tabela 2 - Associações e cooperativas do perímetro Nilo Coelho, Área Maria Tereza e seus respectivos números de sócios.

No perímetro de Bebedouro há 1 Associação de pequenos produtores com 84 associados e que representa **48%** do total de produtores do perímetro que é de 178, e 1 cooperativa com 47 associados, representando **27%** do total de produtores.

CONCLUSÃO

A todo momento procurou-se enfatizar o quanto é importante que o homem seja respeitado, nos seus saberes empíricos, em suas diferenças, na sua história. Sem esse reconhecimento toda e qualquer intervenção no seu meio será fadada ao fracasso. É importante que as pessoas se sintam participantes de todo o processo de execução de uma ideia, principalmente quando este modelo envolve o interesse comum de toda uma comunidade.

O associativismo é a forma mais democrática de concorrência entre os menores e os maiores nas disputas comerciais, pois se tornam iguais diante das dificuldades.

Depois de tantas experiências vividas pelos assentados do Perímetro Irrigado Nilo Coelho, onde se encontrou muitos obstáculos para a adoção de um modelo de gestão que viesse a satisfazer os interesses da comunidade, bem como da sua administradora CODEVASF, chegou-se a um modelo organizativo que atualmente é usado em quase todos os perímetros irrigados do país, que aparenta ser o ideal, no contexto governamental. Essa talvez não seja a associação idealizada pelos assentados, e talvez também pela CODEVASF que incentivou a criação de várias outras; mas essa forma de administração conta com o gerenciamento dos produtores que através de uma eleição elegem seus membros da diretoria.

As dificuldades maiores ou menores impostas pela estrutura ao fazer dialógico não justificam o antidiálogo, do qual a invasão cultural é uma consequência. Quaisquer que sejam as dificuldades, aqueles que estão com o homem, com a sua causa, com a sua libertação, não podem ser antidiológicos.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, Francisco Roberto. **A extensão rural e os limites à prática dos extensionistas do serviço público**. Santa Maria: UFSM, 1991.

CONCEITOS DE COOPERATIVISMO de Associativismo em modo subjetivo. Disponível em: <<http://arquivopdf.sebrae.com.br/customizado/desenvolvimento-territorial/temas-relacionados/associativismo-e-cooperativismo>>. Acesso em: 21 out. 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

POULANTZAS, Nicos; BLUNDI, Antonio Roberto Neiva. **As classes sociais no capitalismo de hoje.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RIBEIRO, Kleber Ávila; NASCIMENTO, Deise Cristiane do; SILVA, Joelma Fabiana Barros da. Cooperativismo agropecuário e suas contribuições para o empoderamento dos agricultores familiares no Submédio São Francisco: o caso da associação de produtores rurais do núcleo VI–Petrolina/PE. **Revista Teoria e Evidência Econômica**, n. 40, 2013.

SEBRAE. Disponível em: <<http://www.acias.net/index.php/87-noticias-acias-schroeder/1294-24-03-2015-associativismo>>. Acesso em: 21 out. 2014.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

NUNES, Danilo de Medeiro; SANTOS, Elicio Nunes dos; MAIA, José Reginaldo; TEIXEIRA, Maurício Sávio Brandão. Histórico e dificuldades na constituição e consolidação de formas organizativas no Perímetro Irrigado Nilo Coelho-Petrolina-PE. **Extramuros, Petrolina-PE**, v. 3, n. 2, p. 142-151, edição especial, 2015. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 26 jan. 2015.

Aprovado em: 15 abr. 2015.